

Marilda Lopes Ginez de Lara  
Asa Fujino  
Daisy Pires Noronha  
(Organizadoras)

# Informação e Contemporaneidade: Perspectivas

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação  
Escola de Comunicações e Artes  
Universidade de São Paulo

Apresentação Marilda Lopes Ginez de Lara O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos Regina Maria Marteleto Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? Johanna W. Smit; Maria de Fátima G. Moreira Tálamo Infoeducação: Saberes e fazeres da contemporaneidade Edmir Perrotti; Ivete Pieruccini Informação, cultura e sociedade: reflexões sobre a ciência da informação a partir das ciências sociais Marco Antônio de Almeida Os "lugares da memória": dispositivos ideológicos, esquemas tópicos e sistemas classificatórios Giulia Crippa A leitura no contexto da formação do cientista da informação. Anna Maria Marques Cintra A construção da informação no universo da linguagem na contemporaneidade. Marilda Lopes Ginez de Lara A codificação e a decodificação da informação documentária no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP: o Vocabulário Controlado do SIBi/USP Vânia Mara Alves Lima Estudos de institucionalização social e cognitiva da pesquisa científica no Brasil: reflexões sobre um programa de pesquisa Nair Yumiko Kobashi Comunicação e produção científica: avaliação e perspectivas Asa Fujino; Daisy Pires Noronha; Dinah Aguiar Población; José Fernando Modesto da Silva Gestão de serviços de informação no contexto da cooperação universidade-empresa: reflexões e perspectivas. Asa Fujino A informação nas áreas de arte: um olhar além das práticas Maria Christina Barbosa de Almeida Ambientes virtuais de aprendizagem incorporados ao ensino presencial na graduação em Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP: a experiência do Portal Nexus - da informação ao conhecimento Brasilina Passarelli Serviços de informação e histórias em quadrinhos Waldomiro Vergueiro Apresentação Marilda Lopes Ginez de Lara O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos Regina Maria Marteleto Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? Johanna W. Smit; Maria de Fátima G. Moreira Tálamo Infoeducação: Saberes e fazeres da contemporaneidade Edmir Perrotti; Ivete Pieruccini Informação, cultura e sociedade: reflexões sobre a ciência da informação a partir das ciências sociais Marco Antônio de Almeida Os "lugares da memória": dispositivos ideológicos, esquemas tópicos e sistemas classificatórios Giulia Crippa A leitura no contexto da formação do cientista da informação. Anna Maria Marques Cintra A construção da inform

**Capa, arte e diagramação:** Janáina Veloso  
**Produção e Projeto Editorial:** Marcos Galindo  
**Editor Responsável:** Vildeane da Rocha Borba  
**Co-Editor:** PPGCI - USP  
**Tiragem** *on demand*

copyright © 2007, As Organizadoras  
copyright © 2007, Liber

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc.

Informação e Contemporaneidade: perspectivas. / Marilda Lopes Ginez de Lara, Asa Fujino, Daisy Pires Noronha Organizadoras. -- Recife: NÉCTAR, 2007.  
318 p. : il.

Inclui Referências  
ISBN: 978-85-60323-11-1

1. Assunto 2. Ciência da Informação 3. Informação I. Lara, Marilda Lopes de, org. II. Fujino, Asa, org. III. Noronha, Daisy Pires, org. IV. Título.

CDD: 020  
CDU: 02



Esta obra foi publicada com verba do Programa de Apoio à Pós-Graduação – PROAP, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**LIBER** - Laboratório de Tecnologia do Conhecimento  
Av. dos Reitores, S/Nº - Cidade Universitária - Biblioteca Central – 2º andar – Recife/PE  
CEP: 50670-901 – E-mail: liber@ufpe.br – Fone: (81) 21267726

# Serviços de Informação e Histórias em Quadrinhos

**Waldomiro de Castro Santos Vergueiro**

## INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos são um meio de comunicação de massa de grande penetração. No mundo inteiro, as publicações de histórias em quadrinhos são disponibilizadas ao público em grande variedade de títulos e gêneros, muitas vezes com tiragens bastante expressivas. Diariamente, milhões e milhões de exemplares de revistas de histórias em quadrinhos são avidamente consumidas por um público fiel e sempre ansioso por novidades. Apesar da concorrência de meios de comunicação cada vez mais abundantes e sofisticados ter tido como consequência a diminuição do impacto da produção quadrinhística nas diversas sociedades, é certo que os quadrinhos ainda representam parte significativa do mercado de entretenimento de massa, continuando a atrair um público considerável neste início de século, o que, inclusive, lhe valeu a denominação de 9ª Arte (EISNER, 2001a).

As ciências da comunicação passaram a se preocupar com os meios de comunicação de massa a partir da segunda metade do século 20, visando compreender melhor o seu impacto na socieda-

de. Neste movimento, também as histórias em quadrinhos receberam novo *status* social, sendo vistas não apenas com maior destaque mas, também, como uma forma de manifestação artística com características próprias. Aos poucos, grande parte da resistência que existia em relação a esse meio de comunicação, principalmente por parte de pais e educadores, foi perdendo sua força, mostrando-se desprovida de fundamento. Assim, as histórias em quadrinhos passaram a ser analisadas sob uma ótica própria e passaram a ser aceitas como fontes de informação, tendo seu papel educacional formalmente reconhecido (RAMA e VERGUEIRO, 2006). Nesse trajeto, conquistaram o seu lugar entre os suportes de informação mantidos por muitas bibliotecas e centros de informação especializados no mundo inteiro.

## DEFINIÇÃO

Nos países de língua inglesa, as histórias em quadrinhos são conhecidas como “*comics*”, “*comic books*” ou “*comic strips*”, denominações oriundas da predominância do aspecto cômico nas primeiras manifestações quadrinhísticas nesses países. Os franceses, por sua vez, costumam referir-se a elas como “*bandes dessinées*”, devido à forma como os quadrinhos foram tradicionalmente publicados nos jornais, em forma de tira (“*bande*”). Traduzida literalmente para o idioma português, essa expressão resultou em “banda desenhada”, denominação utilizada em Portugal e algumas de suas ex-colônias, à exceção do Brasil. Já os espanhóis referem-se a elas como “*tebeos*”, denominação derivada de uma popular revista dirigida a crianças e jovens, que publicava prioritariamente histórias em quadrinhos; modernamente, no entanto, referem-se a elas como “*cómicos*”, tradução literal da denominação inglês. Os países latino-americanos, de uma maneira geral, optaram pela denominação “*historietas*”, enquanto que os japoneses a elas se referem como “*man-gás*”, nome que caracteriza o veículo onde são publicadas as histó-

rias em quadrinhos. Os italianos se referem aos quadrinhos pela palavra “*fumetti*”, plural de “*fumetto*”, termo que utilizam para se referir à figura no qual estão contidas as falas e pensamentos dos personagens. O Brasil, depois titubear entre a utilização de “estórias” ou “histórias”, parece ter consagrado a expressão “histórias em quadrinhos” (normalmente abreviada para “HQ”) como a de maior preferência, enquanto leitores antigos e grande parte dos novos continuam ainda a utilizar o termo *gibis* quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral, reproduzindo uma apropriação lingüística semelhante à ocorrida no território espanhol, pois *Gibi* foi também a mais popular revista de histórias em quadrinhos já publicada no país (ULIANA, VERGUEIRO, 1990). Mais recentemente, tornou-se bastante popular no mundo inteiro a expressão novela gráfica (*graphic novel*), divulgada pelo quadrinhista norte-americano Will Eisner, na tentativa de conferir maior *status* às produções quadrinhísticas (EISNER, 2001b).

Por outro lado, indo além da variedade terminológica, que evidencia a disseminação global desse meio de comunicação de massa, é possível afirmar, em referência a elas, que constituem um meio de comunicação de massa que agrega dois códigos distintos para a transmissão de uma mensagem:

- 1) o lingüístico, presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons; e
- 2) o pictórico, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, idéias abstratas e/ou esotéricas etc.

Além desses dois códigos, as histórias em quadrinhos desenvolveram também diversos elementos que lhes são hoje característicos, como o balão, as onomatopéias, as parábolas visuais etc.; todos eles concorrem, em maior ou menor medida, para expressar

uma narrativa, por mais breve que esta seja (EISNER, 2001a; McCLOUD, 1994).

## **AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA**

As histórias em quadrinhos são herdeiras diretas das narrativas folhetinescas dos séculos 18 e 19: inicialmente voltadas para consumo e entretenimento das classes de menor nível cultural, ambas sofreram o mesmo tipo de resistência por parte das elites letradas de sua época. Neste sentido, não se diferenciam de outros meios de comunicação, como a televisão e o cinema ou daquela modalidade de literatura voltada ao consumo massivo, como as histórias policiais, os livros de ficção científica e os romances cor-de-rosa.

As histórias em quadrinhos, devido principalmente ao enfoque humorístico, que predominou em seus primórdios no continente norte-americano, e ao público que visavam originalmente atingir – os imigrantes e iletrados das camadas mais baixas da população –, estiveram até mesmo abaixo de outros meios de comunicação de massa em termos de apreciação da crítica literária, tendo seus aspectos muito mais enfatizados que os positivos. Para isso também contribuiu a proximidade das histórias em quadrinhos a outras produções gráficas polêmicas, como a caricatura e a charge política, elementos que estão na raiz mesma de seu desenvolvimento (CLARK e CLARK, 1991; COMA, 1979; HARVEY, 1998; PERRY e ALDRIDGE, 1971).

A trajetória das histórias em quadrinhos como produto de consumo de massa, apesar do sucesso de público que as acompanhava, foi sempre cercada por crescente oposição de parcelas influentes da sociedade letrada. De forma geral, pais e educadores sempre viram com desconfiança a leitura de quadrinhos por parte de seus filhos e alunos, imaginando que isto pudesse prejudicar seu

desenvolvimento intelectual ou contribuir para afastá-los de leituras mais nobres. Durante décadas, uma série de preconceitos e idéias negativas em relação aos quadrinhos levavam a sociedade a acreditar que esse tipo de leitura trazia malefícios talvez inimigináveis a todos aqueles que nele se aventuravam. Em alguns momentos, a sociedade chegou mesmo a tomar medidas drásticas visando afastar crianças e adolescentes da leitura quadrinhos. Neste sentido, o livro *The seduction of the innocents*, de autoria do psiquiatra Fredric Wertham, representou o ápice de uma campanha que envolveu também organizações religiosas e educacionais, ocorrida durante as décadas de 1940 e 50, institucionalizando a colocação de entraves para a aceitação desse meio de comunicação. Essa campanha gerou uma série de medidas contra os quadrinhos, que englobaram desde a queima de exemplares em escolas e praças até a elaboração, pelos editores, de um código de ética para sua publicação, cuja observância devia ser expressa por intermédio de um selo afixado na capa das revistas (NYBERG, 1998). Campanha semelhante ocorreu em vários outros países do mundo (LENT, 1999) ; no Brasil, um código de ética para a publicação de quadrinhos foi adotado pelos principais editores da área no início da década de 60 (SILVA, 1976, p.101-4)

A barreiras sociais contra as histórias em quadrinhos predominaram durante muito tempo e não se pode afirmar que deixaram de existir. Ainda hoje, muitos pais proíbem a leitura desse tipo de material todas as vezes que os filhos não vão bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento. Felizmente, o interesse crescente dos estudiosos pelas histórias em quadrinhos, principalmente a partir da década de 60 e pesquisas realizadas deste então acabaram demonstrando que boa parte dessas barreiras não possuía qualquer fundamento, consistindo em preconceitos totalmente desprovidos de apoio científico. Atualmente, sabe-se que o leitor de quadrinhos não se sai pior ou melhor na escola em virtude

de sua preferência de leitura, lê mais ou menos livros *sérios* do que aqueles que não consomem quadrinhos e tampouco são indivíduos deslocados na sociedade (ANSELMO, 1975).

## SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Em virtude da oposição social as dificuldades para que as histórias em quadrinhos fizessem parte dos acervos de bibliotecas também não foram desprezíveis. Por um lado, devido a sua presumida falta de importância como objeto de estudo científico, elas tinham sua entrada proibida nas bibliotecas universitárias e de pesquisa; por outro, seu ingresso em bibliotecas públicas e escolares era vetado pela forte oposição de dirigentes, pais e professores, que desacreditavam de seus méritos educacional e se opunham à mais remota possibilidade de colocá-los à disposição do público nessas instituições.

No entanto, é preciso também atentar que os responsáveis pelas instituições bibliotecárias, que talvez pudessem ter exercido influência decisiva para reverter a ausência dos quadrinhos de seus acervos, tampouco estiveram neutros no processo. Algumas vezes de maneira consciente, outras por simples inércia, muitos bibliotecários se recusaram a selecionar os quadrinhos por entenderem que eles não se adequavam aos critérios de qualidade que haviam definido para seus acervos. Assim, no emaranhado das relações sociais que caracterizam os agrupamentos humanos, aqueles que atuavam em serviços de informação foram tão influenciados pelas idéias dominantes na sociedade quanto as pessoas a que serviam, desenvolvendo atitudes semelhantes às delas. A resistência dos bibliotecários às histórias em quadrinhos e aos demais meios de comunicação de massa só diminuiu à medida que a sociedade passou a ver todos esses meios com outros olhos.



## O PAPEL DAS BIBLIOTECAS NA DISSEMINAÇÃO DOS QUADRINHOS

As barreiras contra alternativas de leitura e informação diferentes do livro tradicional não desapareceram de forma automática. Mesmo hoje, ainda seria temeridade afirmar que as revistas e outras modalidades de histórias em quadrinhos podem ser facilmente encontradas nas bibliotecas. Na realidade, aquelas instituições bibliotecárias que as incorporam cotidianamente em seus acervos constituem mais a exceção do que a regra; e, mesmo nesses casos, pode acontecer que os quadrinhos recebam um tratamento diferenciado em relação a outros materiais. Muitas vezes, eles não são incorporados definitivamente ao acervo, são objeto de descarte generalizado, não são considerados quando do estabelecimento de critérios de seleção, convivem com restrições financeiras para sua aquisição e têm seu uso restrito a apenas algumas categorias específicas de usuários. Pode acontecer, inclusive, deles serem utilizados como um chamariz para a leitura de livros, uma espécie de concessão dos bibliotecários a uma leitura menor..

Mas essa situação tem se modificado, ainda que aos poucos. Nos últimos anos, aumentou o número de bibliotecas que encaram as histórias em quadrinhos como componentes de uma coleção especial, merecendo atenção diferenciada em relação ao restante do acervo. Nos Estados Unidos, dezenas de bibliotecas universitárias possuem coleções especializadas de quadrinhos (SCOTT, 1990). No Brasil, no âmbito das bibliotecas públicas, a atuação das chamadas *gibitecas* vem, há mais de 20 anos, contribuindo decisivamente para a divulgação e leitura desse meio de comunicação de massa.

### AS GIBITECAS

No Brasil, desde o início da década de 1980, existem no Brasil bibliotecas especialmente dedicadas à coleta, armazenamento

e disseminação de histórias em quadrinhos. Esse novo modelo de unidade de informação tornou-se realidade quando uma fundação pública em Curitiba, PR, decidiu fundar a primeira instituição desse tipo, que batizou com o nome de gibiteca, um neologismo derivado da forma como as revistas de histórias em quadrinhos são carinhosamente referidas no país (VERGUEIRO, 1994). Assim, com o surgimento da Gibiteca de Curitiba, cunhou-se o termo genérico para denominar qualquer biblioteca que coloque as histórias em quadrinhos como o centro de sua prática informacional.

Essa gibiteca constituiu, durante um bom tempo, uma iniciativa isolada. Embora ela jamais tenha estado inserida no âmbito de um serviço de informação tradicional e nem tenha contado com um profissional de informação para gerenciá-la, uma situação que ainda persiste, isso não impediu que se tornasse o ponto central de uma intensa atividade em torno dos quadrinhos, indo muito além de uma coleção especializada.

Talvez em função do sucesso da Gibiteca de Curitiba, aos poucos alguns responsáveis por bibliotecas públicas no país também começaram a criar espaços específicos para elas. Na maioria das vezes, foram iniciativas isoladas de profissionais que encaravam os quadrinhos de forma positiva e que, mesmo sem o apoio de seus superiores, selecionaram e organizaram coleções de quadrinhos nas bibliotecas em que atuavam. Muitas vezes, fundamentavam essa atividade em doações da comunidade e desenvolviam atividades para atrair usuários e criar um ambiente que pudesse garantir o apoio institucional a esse novo tipo de acervo. Entre as diversas gibitecas que surgiram dessa forma, pode-se destacar, por seu trabalho pioneiro, aquela organizada junto à biblioteca pública da cidade de Londrina, também no Estado do Paraná, denominada de gibilândia (FIERLI e col., 1991).

A primeira gibiteca brasileira a surgir dentro de um serviço de biblioteca pública, a partir de iniciativa da própria administração, foi a Gibiteca Henfil, órgão do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura do município de São Paulo, inaugurada em 1991 e hoje possuindo o maior acervo do país. Além de um vasto acervo, responsável por um dos maiores índices de frequência das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, a Gibiteca Henfil também se destacou como um grande centro de eventos relacionados com os quadrinhos, promovendo cursos, exposições, palestras, debates, lançamentos de obras e servindo como ponto de encontro para reuniões de leitores (VERGUEIRO, 1994).

Seria difícil afirmar o número exato de gibitecas atualmente existentes no Brasil. Sabe-se que várias cidades, como Belo Horizonte (MG), João Pessoa (PB), Brasília (DF), São Vicente (SP) e Santos (SP) as possuem (VERGUEIRO, 1994). Algumas vezes são vinculadas a bibliotecas públicas; outras, a instituições privadas. Podem tanto contar com bibliotecários para administrá-las como ser dirigidas por voluntários da comunidade ou por funcionários designados para fazê-lo em virtude de predileções especiais. No entanto, existem motivos para acreditar que o estabelecimento de gibitecas como setores ou ramais especiais de bibliotecas públicas, dirigidas por bibliotecários, é uma tendência dominante. Neste sentido, o Brasil quebra a crença de que “uma biblioteca pública não é comumente o local para aprender a respeitar as revistas de histórias em quadrinhos” (SCOTT, 1990, p. 17).

Por outro lado, esta tendência implica também na necessidade dos bibliotecários terem maior familiaridade com as características do meio de comunicação de massa e do próprio leitor de quadrinhos, de modo a poder realizar de maneira adequada todas aquelas atividades que envolvem sua seleção, coleta, aquisição, tratamento, disseminação e preservação. Nesse sentido, é importante

que compreendam e dominem com independência os diversos veículos em que os quadrinhos estão disponíveis e os leitores que costumam ser atraídos por eles.

## PRODUTOS QUADRINHÍSTICOS E PÚBLICO CONSUMIDOR

De uma maneira geral, pode-se, atualmente, encontrar diversos veículos e formatos de publicação de histórias em quadrinhos, cada um deles com características singulares que afetam tanto sua forma como seu conteúdo. Entre esses, pode-se destacar:

**gibis:** publicados em uma grande diversidade de títulos e temáticas, podem ser encontrados com muita facilidade em qualquer banca de jornal. Existem em vários formatos, desde o menor, conhecido como *formatinho* e dirigido ao público infantil, como aqueles em *formato americano*, no tamanho dos “*comic books*” norte-americanos. A periodicidade de publicação dessas revistas pode variar, sendo mais comum a mensal. É uma área bastante dinâmica, com muitos títulos aparecendo, fundindo-se com outros ou dividindo-se em dois ou mais, mudando de editora ou simplesmente desaparecendo do mercado, enquanto alguns poucos se mantêm em publicação durante décadas a fio. Além das revistas de periodicidade regular, costumam também ser publicados suplementos e edições especiais, almanaques e edições singulares ou comemorativas que englobam personagens de várias revistas diferentes, às vezes sob uma denominação totalmente nova, outras utilizando um título já familiar aos leitores. É um mercado bastante caótico, sem qualquer tipo de padronização em relação à numeração, uniformidade dos títulos ou continuidade, com almanaques e números especiais intercalando títulos regulares, podendo tanto receber uma numeração própria como seguir a mesma seqüência numérica do título principal;

**álbuns e edições encadernadas:** fisicamente, estão muito mais próximos dos livros infantis do que dos *gibis*. Não têm perio-

dicidade, sendo publicados em edições únicas, histórias em geral fechadas, sem um compromisso declarado com a continuidade, ainda que, algumas vezes, o sucesso de um personagem leve a seu aparecimento em álbuns posteriores. Os álbuns tanto podem trazer histórias inéditas, especialmente preparadas para esse formato, como podem ser constituídos por outras anteriormente publicadas em veículos diversos, como jornais ou revistas regulares. O custo dessas publicações costuma ser mais alto que o dos *gibis*, o que se justifica pela qualidade do papel, da impressão e da encadernação. Também a qualidade das histórias costuma ser superior à dos *gibis*, pois os álbuns permitem experimentações gráficas e mergulhos temáticos mais profundos que aqueles das revistas regulares;

**Graphic novels, maxi e minisséries:** surgidos durante a década de 1980, nos Estados Unidos, elas guardam bastante semelhança com os álbuns e edições encadernadas, a grande diferença sendo a relação que têm com o mercado de publicações regulares em *gibi*. A fórmula básica representa a busca de um tratamento diferenciado para um ou mais personagens familiares aos leitores, explorando-os em edições fechadas que se diferenciam daquele tratamento dado a eles nos meios tradicionais; isto vai envolver tanto um maior aprimoramento gráfico, com publicações em formato diverso e papel de melhor qualidade, como temático, envolvendo produções mais elaboradas em termos de roteiro e arte. É um esquema editorial apropriado tanto para uma única publicação (a *graphic novel*) como para uma série limitada (a *minissérie*, normalmente entre três e seis números, e a *maxissérie*, que pode ir até 16 revistas) e permite atingir todos aqueles leitores que gostariam de ter acesso a materiais de melhor nível mas não querem se comprometer com a compra regular de um ou mais títulos;

**quadrinhos em jornais:** os jornais foram o berço das histórias em quadrinhos, onde grande quantidade delas continua a ser publi-

cada. Muitas jamais são lançadas novamente em outra modalidade de publicação, dificultando o trabalho de preservação da memória quadrinhística. Para ter acesso aos quadrinhos publicados na imprensa jornalística, sejam as tiras diárias ou as páginas dominicais, muitas vezes não existe outra alternativa a não ser identificar os títulos em que aparecem e efetuar uma assinatura. A preservação dessas histórias é também bastante problemática, mas alternativas viáveis são recortá-las e acomodá-las em pastas suspensas, ou, então, escaneá-las e preservá-las em um CD ou DVD;

**fanzines:** são publicações feitas por aficionados do gênero, a maioria das vezes colecionadores ou artistas iniciantes. Podem ser publicações de caráter analítico, buscando discutir as histórias em quadrinhos e suas particularidades, debater preferências, explorar as características de cada autor ou personagem, como também incluir histórias originais elaboradas pelos responsáveis pela publicação ou por leitores e pessoas especialmente convidadas (MAGALHÃES, 2003, 2004). O número e variedade dos *fanzines* representam verdadeira legião de títulos que englobam desde aqueles com pretensões enciclopédicas àqueles dedicados a um único personagem. É uma área onde não existe qualquer tipo de norma, impossibilitando a existência de um controle bibliográfico por mínimo que ele seja. *Fanzines* são publicados em formatos os mais diversos, em um nível de qualidade que varia em relação direta com a própria diversidade dos títulos, em enormes ou reduzidíssimas tiragens, com vida breve ou longa, com paradas bruscas e retomadas aceleradas, sem obedecer a qualquer tipo de periodicidade regular ou seguindo um rígido cronograma de publicação, enfim, apresentando um nível de organização ainda menor do que aquele da indústria de publicação de *gibis*.

Além dos elencados acima, poderiam ser incluídos ainda os quadrinhos publicados em revistas gerais de informação ou naquelas para públicos especializados; histórias elaboradas exclusivamen-

te para uso em publicidade ou propaganda política; livros didáticos, publicações governamentais e de organismos independentes que as utilizam como instrumentos para a transmissão de mensagens educativas; revistas que as enfocam como tema principal, abordando aspectos de conteúdo e novidades da área, que também começam a aparecer no mercado brasileiro; e quadrinhos incluídos em *sites* especializados ou *blogs* de autores/aficionados de histórias em quadrinhos, para apenas citar algumas das modalidades mais evidentes.

Todas as publicações mencionadas compõem um quadro bastante diversificado que busca atender a uma demanda ainda não suficientemente delimitada, de um público bastante diverso. Ainda que de forma artificial, esse público, para fins didáticos, poderia ser classificado nas seguintes categorias básicas:

**eventuais:** usufruem as histórias em quadrinhos como utilizam outras modalidades de leitura, sem qualquer predileção especial por esse meio de comunicação específico, por autores ou títulos. Buscam apenas a satisfação momentânea de suas necessidades de leitura, sendo guiados por motivos puramente circunstanciais;

**exaustivos:** lêem apenas histórias em quadrinhos, sem qualquer tipo de seleção. Consomem à exaustão tudo o que é produzido. Tendem a concentrar-se nas camadas mais jovens da população. Algumas vezes, leitores exaustivos são também grandes colecionadores;

**seletivos:** têm predileção por determinados gêneros, personagens ou autores, lendo tudo o que é publicado em sua área de interesse e fazendo a correlação com outros meios de comunicação de massa. Também podem ser colecionadores desses materiais;

**fanáticos:** levam sua predileção a extremos. Lêem avidamente seus personagens e títulos prediletos, procurando também conhecer minúcias de sua produção, características específicas dos dese-

nhistas ou roteiristas, evolução histórica, etc. Em geral, são ávidos colecionadores de tudo que diga respeito a sua predileção. Não falam de outro assunto e costumam criar clubes ou associações quando encontram outros com preocupações semelhantes às deles;

**estudiosos:** sentiram-se atraídos pelos quadrinhos em função de contingências acadêmicas específicas, como a elaboração de uma tese ou trabalho de conclusão de curso de graduação, abandonando a leitura desse meio de comunicação de massa tão logo essas contingências deixem de existir. Outras vezes, no entanto, esse estudo inicial funciona como um despertar para esse tipo de publicação, persistindo durante toda sua vida intelectual.

Este panorama do público leitor, no entanto, deve ser encarado com certa reserva, pois os tipos puros de cada um deles são talvez bem menos comuns do que mesclas de dois ou mais. Mesmo assim, ele evidencia que o público interessado por histórias em quadrinhos não é um bloco monolítico como se costumava erroneamente imaginar. A compreensão dessas peculiaridades dos leitores é vital para o estabelecimento de serviços de informação que visem atendê-los com eficiência, assim como, também, o conhecimento das diversas fontes de informação sobre quadrinhos.

## FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A completa análise das histórias em quadrinhos como elementos de documentação ainda está para ser feita, bem como o papel que podem desempenhar as unidades de informação nesse sentido. Alguns trabalhos já podem ser encontrados na literatura especializada (BARKER, 1993; DeCANDIDO, 1990; SCOTT, 1990; WEINER, 2003), que trazem muitos subsídios para essa discussão. Muitas outras contribuições se fazem necessárias, tanto teóricas quanto práticas, para que os profissionais de informação atinjam a segurança necessária para atuar na documentação de his-



tórias em quadrinhos com a mesma desenvoltura com que atuam em relação a documentos com os quais estão mais familiarizados. As últimas duas décadas, principalmente a partir do incremento da Internet, propiciaram o aparecimento de uma grande variedade de fontes de informação sobre histórias em quadrinhos, o que exige dos profissionais um conhecimento bastante acurado, de forma a poder organizar serviços de informação que atendam às necessidades de seu público.

Dentre as fontes de informação mais tradicionais sobre histórias em quadrinhos encontram-se diversas enciclopédias (DUIN e RICHARDSON, 1998;; HORN, 1998) e dicionários especializados sobre quadrinhos (GAUMER e MOLITERNI, 1997; MARSCHALL, 1997; PILCHER e BROOKS, 2005), bem como aquelas obras direcionadas ao levantamento e documentação de aspectos específicos da área, ou seja, editoras, personagens e gêneros (ENCICLOPÉDIA MARVEL, 2005; CONROY, 2004; GROENSTEEN, 2001; LENT, 1998). São em número bastante significativo, também, as obras impressas que buscam apresentar uma descrição do desenvolvimento histórico das histórias em quadrinhos, ajudando à compreensão do meio e seu impacto social, tanto aquelas que realizam uma abordagem geral (BLANCHARD, 1975; CLARK e CLARK, 1991; MOYA, 1986) como aquelas dedicadas a regiões ou países específicos (ALTARRIBA, 2001, BENTON, 1993; CIRNE, 1990; FALARDEAU, 1994; GRAVETT, 2006; HARVEY, 1998; HISTORIETAS, 2000).

Existem também, desde alguns anos, alguns títulos de periódicos especializados em histórias em quadrinhos, dedicados à publicação de artigos científicos sobre o tema; dentre eles, aquele de maior credibilidade acadêmica é certamente o *International Journal of Comic Art*, editado pelo professor John A. Lent, da *Temple University*, nos Estados Unidos, desde 1999. A par disso, cresceu enormemente nos últimos anos a variedade de obras monográficas de-

dicadas a autores e obras específicas, cuja simples enumeração geraria uma longa e enfadonha lista de títulos.

Uma outra fonte muito valiosa de informações sobre histórias em quadrinhos é a rede Internet, espaço virtual que aficionados, criadores, editoras e pesquisadores utilizam cotidianamente para divulgar criações, propostas, análises e levantamentos, além de arena para a troca de idéias e impressões sobre os mais variados aspectos dos quadrinhos. Nesse sentido, a quantidade de *sites* sobre a 9ª Arte na Internet é literalmente incontável, tamanha a diversidade de abordagens existente e a dinâmica da área, com novas páginas sendo incorporadas diariamente, enquanto outras desaparecem da noite para o dia, para nunca mais voltar<sup>58</sup>.

Nessa imensurável babel de *sites*, é necessário que os profissionais da informação saibam identificar aqueles que trazem informações realmente valiosas e confiáveis para os interessados em histórias em quadrinhos, classificando e categorizando esses conteúdos segundo parâmetros objetivos de busca e uso da informação que respondam às necessidades dos usuários. Sob esse ponto de vista, é de capital importância a diferenciação entre *sites* de objetivos puramente comerciais, como os de editoras ou distribuidores (*syndicates*) ; de divulgação de trabalhos de autores específicos, às vezes organizados por eles mesmos (na forma de *blogs* ou *fotoblogs*) ou por seus admiradores; de fanzines eletrônicos de todos os tipos, dedicados aos mais variados aspectos da produção quadrinhística, desde novidades da área e elegias a personagens, gêneros e autores específicos a trocas de publicações e disponibilidade *online* de produções quadrinhísticas inéditas ou já publicadas; e aqueles oriundos em ambiente acadêmico, que buscam auxiliar o aprofundamento da

---

<sup>58</sup> Pesquisas realizadas pelos buscadores Google e Yahoo em 25.09.2006, utilizando as palavras-chave “*comics*” e “*comic-books*”, recuperaram, respectivamente, totais de 7.780.000 e 57.500.000 páginas.

pesquisa na área, trazendo textos analíticos bem fundamentados sobre as histórias em quadrinhos, com abordagens diversas, e muitas vezes como resultado de projetos de pesquisa desenvolvidos em instituições acadêmicas.

É necessário destacar, nesta última tipologia de *sites* na Internet dedicados à temática das histórias em quadrinhos, algumas iniciativas voltadas a levantamentos completos e detalhados de produções quadrinhísticas de caráter nacional e/ou internacional, constituindo bases de dados exaustivas sobre publicações de quadrinhos, englobando informações sobre títulos, editoras, autores, histórias, gêneros e personagens. Entre essas bases de dados disponíveis na Internet, as seguintes podem ser mencionadas: *The Grand Comic-Book Database* ([www.comics.org](http://www.comics.org)), *Internet Comics Database – Portugal/Banda Desenhada em Portugal* ([www.bdportugal.info](http://www.bdportugal.info)), *Comic Book Database* ([www.cdbd.com](http://www.cdbd.com)) e *La Bédéwebmaniac* (<http://dgrouso.club.fr/bedewebmaniac/index.html>).

Outra categoria de *sites* digna de nota é aquela oriunda de bibliotecas universitárias, principalmente do ambiente norte-americano, que possuem acervos especializados de histórias em quadrinhos, muitas vezes compostos por coleções bastante diversificadas, contendo tanto publicações como originais de autores. Em geral, além de informações diversas, esses *sites* disponibilizam *online* os seus catálogos, possibilitando consulta sob vários pontos de acesso (publicações, autores, editores, etc.). Entre eles, pode-se destacar os das universidades de Michigan ([www.lib.msu.edu/comics/](http://www.lib.msu.edu/comics/)), Yale ([www.library.yale.edu/humanities/media/comics.html](http://www.library.yale.edu/humanities/media/comics.html)), Princeton ([http://libweb5.princeton.edu/ Visual\\_Materials/gallery/](http://libweb5.princeton.edu/Visual_Materials/gallery/)) e Ohio (<http://cartoons.osu.edu>).

## CONCLUSÃO

Com mais de cem anos de existência, as histórias em quadrinhos parecem ter atingido, no alvorecer do 2º Milênio, um reconhecimento social como jamais tiveram. Tudo indica, inclusive, que esse novo *status* na sociedade tem condições de se tornar ainda mais amplo, levando esse meio de comunicação de massa a níveis de reconhecimento impensáveis até pouco tempo atrás, quando eram considerados apenas passatempos insossos para os mais jovens ou, pior ainda, produções potencialmente desagregadoras de valores constituídos e prejudiciais ao processo educativo. Com essa mudança na ótica social, ganham os leitores de quadrinhos, que têm finalmente recompensadas suas solitárias trajetórias como entusiasmados do meio, e ganha a sociedade em geral, que poderá obter da produção quadrinhística um benefício muito mais significativo do que obteve até agora. Nesse trajeto, desempenhará papel importante a organização de serviços de informação especializados sobre histórias em quadrinhos, os quais irão potencializar e direcionar esses benefícios, agregando valor à informação contida nos produtos da 9ª Arte. Deve-se reconhecer, no entanto, que se trata de um ambiente ainda apenas parcialmente explorado, em que a organização de bases de dados especializadas, a utilização inteligente de softwares de organização e tratamento de informações, o desenvolvimento de sistemas automatizados de busca e recuperação de informações e a implementação de modelos de serviços referenciais centrados no cliente deverão ser refinados e aprimorados em conformidade com as características do meio e de sua comunidade usuária. Estas atividades talvez não cheguem a constituir desafios inéditos à Ciência da Informação, mas certamente podem representar novos espaços para aprofundamento e aplicação de seu conhecimento científico, possibilitando avanços para a área. Esta é, sem dúvida, uma conseqüência bastante promissora para a área.

## REFERÊNCIAS

ALTARRIBA, Antonio. **La España del tebeo**: la historieta española de 1940 a 2000. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

ANSELMO, Zilda Augusto. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BARKER, Keith (Ed) **Graphic account**: the selection and promotion of graphic novels in libraries for young people. London: The Library Association, Young Libraries Group, 1993.

LE BÉDÉWEBMANIAC: le site web du collectionneur de bande dessinée [site] Disponível em: <http://dgrouso.club.fr/bedewebmaniac/index.html>. Acesso em 25 set. 2006.

BENTON, Mike. **The comic book in America**: an illustrated history. Dallas: Taylor Publishing Co., 1993.

BLANCHARD, Gerard. **Histoire de la bande dessinée**: une histoire des histoires en images de la préhistoire à nos jours. Nouvelle édition revue et mise à jour. Verviers: Marabout, 1975.

CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Ed. Europa; FUNARTE, 1990.

CLARK, Alan; CLARK, Laurel. **Comics**: uma história ilustrada da B.D. Sacavém: Distri Cultural, 1991.

COMA, Javier. **Del gato Félix al gato Fritz**: história de los comics. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

COMIC BOOK DATABASE [site] Disponível em: [www.cbdb.com](http://www.cbdb.com). Acesso em: 25 set. 2006.

CONROY, Mike. **500 great comicbook villains**. London: Chrysalis Books, 2004.

DeCANDIDO, Keith R. A. Get the picture? A serious look at comics in libraries. **Library Journal**, v. 116, n. 8, p. 46-50, 1991.

DUIN, Steve; RICHARDSON, Mike. **Comics between the panels**. Milwaukee, OR: Dark Horse Comics, 1998.

DeCANDIDO, Keith R. A. Picture this: graphic novels in libraries. **Library Journal**, v. 115, n. 5, p. 50-5, 1990.

EISNER, Will. **Comics & sequential arts**. Tamarac, FL: Poorhouse Press, 2001a.

EISNER, Will. **Graphic storytelling & visual narrative**. Tamarac, FL: Poorhouse Press, 2001b.

ENCICLOPÉDIA Marvel. São Paulo: Panini, 2005.

FALARDEAU, Mira. **La bande dessinée au Québec**. Québec: Editions du Boreal, 1994.

FIERLI, Aglaé de L. et alii. Gibilândia: relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, Salvador, 1991. **Anais...** Salvador: Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. v. 1, p. 80-91.

GAUMER, Patrick; MOLITERNI, Claude. **Dictionnaire mondial de la bande dessinée**. Paris: Larousse, 1997.

GRAND COMIC BOOK DATABASE [site] Disponível em: [www.comics.org](http://www.comics.org). Acessado em: 25 set. 2006.

GRAVETT, Paul. **Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.

GROENSTEEN, Thierry. (Ed.) **Maîtres de la bande dessinée européenne**. Seuil: Bibliothèque Nationale de France; Centre National de la Bande Dessinée et de l'Image, 2001.

HARVEY, Robert C. **Children of the Yellow Kid: the evolution of the American comic strip**. Seattle: Frye Art Museum; University of Washington Press, 1998.

HISTORIETAS: Storie, personaggi e percorsi del fumetto latinoamericano. Milano : Mazzotta, 2000.

HORN, Maurice (Ed.) **The world encyclopedia of comics**. Revised and Updated. New York: Chelsea House Publ., 1998.

INTERNATIONAL JOURNAL OF COMIC ART. Drexel Hill, PA : Temple University, 1999.

INTERNET COMICS DATABASE – PORTUGAL/BANDA DESENHADA EM PORTUGAL [site] Disponível em: [www.bdportugal.info](http://www.bdportugal.info). Acessado em 25 set. 2006.

LENT, John (Ed.) **Themes and issues in Asian cartooning**: cute, cheap, mad and sexy. Bowling Green: Bowling Green State University, 1998.

LENT, John A. (Ed.) **Pulp demons**: international dimensions of the postwar anti-comics campaign. London: Associated University Presses, 1999.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

MARSCHALL, Richard. **America's great comic-strip artists**: from the Yellow Kid to Peanuts. New York: Stewart, Tabori & Chang, 1997.

McCLOUD, Scott. **Understanding comics**: the invisible art. New York: Perennial, 1994.

MICHIGAN STATE UNIVERSITY LIBRARIES. Comic Art Collection [site] Disponível em: [www.lib.msu.edu/comics/](http://www.lib.msu.edu/comics/). Acessado em 25 set. 2006.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

NYBERG, Amy Kiste. **Seal of approval**: the history of the comics code. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

THE OHIO STATE UNIVERSITY. Cartoon Research Library [site] Disponível em: <http://cartoons.osu.edu>. Acessado em 25 set. 2006.

PERRY, George; ALDRIDGE, Alan. **The Penguin book of comics**. Rev. Ed. Harmondsworth: Penguin Books, 1971.

PILCHER, Tim; BROOKS, Brad. **The essential guide to world comics**. London: Collins and Brown, 2005.

PRINCETON UNIVERSITY. Comic art at Princeton University [site] Disponível em: [http://libweb5.princeton.edu/Visual\\_Materials/gallery/](http://libweb5.princeton.edu/Visual_Materials/gallery/). Acessado em: 25 set. 2006.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCOTT, Randall W. **Comics librarianship: a handbook**. Jefferson: McFarland, 1990.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos para quadrados**. Porto Alegre : Bels, 1976.

ULIANA, Dina Elisabete, VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gibitecas: estrutura, organização e acervo. **Informação Cultural**, n. 10, p. 2-10, jun. 1990.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Comic book collections in Brazilian public libraries: the “gibitecas”. **New Library World**, v.95, n. 1117, p. 14-8, 1994.

WEINER, Stephen. *Faster than a speeding bullet: the rise of the graphic novel*. New York: NBM, 2003.

YALE UNIVERSITY LIBRARY. Comic books, comic strips, and graphic novels [site] Disponível em: [www.library.yale.edu/humanities/media/comics.html](http://www.library.yale.edu/humanities/media/comics.html). Acessado em: 25 set. 2006.